

O DISTRICTO DE AVEIRO



PUBLICA-SE A'S TERÇAS E SEXTAS FEIRAS.

Preços: (com estampilha)

Anno, 3540 réis — Semestre, 15770 réis
Trimestre, 935 réis.

Subscreeve-se e vende-se unicamente no escriptorio da administração, rua Direita n.º 24. — Publicações de interesse particular, são pagas — Folha avulsa, 40 réis — Anúncios, 20 réis por linha — Correspondencia não franqueada, não sera' recebida — Artigos mandados a' redacção, sejam ou não publicados, não serão restituídos.

Preços: (sem estampilha)

Anno, 35000 réis — Semestre, 15500 réis — Trimestre, 800 réis.

NUMERO 57

TERÇA-FEIRA 14 DE JANEIRO DE 1862

SEGUNDO ANNO

AVEIRO

A via ferrea, que temos em construcção, não pôde produzir os resultados, que se indicam e esperam, se a não acompanharmos de outros melhoramentos, cujas necessidades nasceram, ou se patentearam com ella, e lhe formaram o seu complemento.

Concluidos os trabalhos do caminho de ferro contractado com a Companhia Salamanca teremos uma via pela qual podemos facil, commoda e ligeiramente percorrer Portugal no seu maximo diametro, transportar-nos ao reino visinho e pouco mais; e teremos com isto adiantado muito?

São por tal forma especiaes as condições do paiz, que só o caminho de ferro pode obrar como alavanca poderosa na sua prosperidade facilitando a distribuição dos productos agricolas pelas diferentes povoações, e sobre tudo tornando commoda e barata a exportação dos que superabundam.

Para se obter este fim era necessario que desta via central partissem ramoes, que das principaes estações fossem ás povoações mais importantes; de Coimbra devia partir um para a Figueira, e como este os mais que se julgassem prociços.

Pouco importa que uma provincia qualquer seja atravessada pelo caminho de ferro, e ter uma, duas, ou tres estações, se as communicações dos seus diferentes angulos para essas estações são impossiveis ou pelo menos difficieis; em taes circumstancias as despesas da conducção das mercadorias desde as povoações até ás estações, na exportação, e vice versa na importação, não são compensadas com as vantagens do caminho de ferro, e o commercio não pôde fazer-se.

E' certo porem que Portugal fez um esforço grande para levar a effeito esse grande melhoramento, o caminho de ferro; e assim propôr-lhe ramoes, quando este ainda está em atrazo, seria exigir um sacrificio que os fundos publicos não comportam.

A difficuldade que temos em construir ramoes de via ferrea leva-nos ao estudo dos meios de substituil-os, e a nós pertence, em primeiro lugar, indicar o que se precisa no districto de Aveiro.

Reconhecidas as grandes vantagens de ligar a barra de Aveiro com a estação do caminho de ferro, por intermedio d'um canal com estrada marginal, não tardámos a pedir á camara a sua construcção; hoje repetimos que remova quaesquer inconvenientes que se lhe offereçam, para poder levar a effeito esta obra de utilidade manifesta.

De eguaes, se não de superiores vantagens, é a canalisação dos rios Vouga e Agueda.

Já de ha muito que é reconhecida esta necessidade, attenta a navegação que por estas vias fluviaes se faz, a fertilidade dos campos que atravessam, as povoações importantes porque passam, e attenta, por outro lado, a difficuldade e até mesmo impossibilidade desta navegação durante os mezes do estio. Já ella mereceu os cuidados do sr. José Estevão quando chamou a attenção da camara dos deputados para este importante objecto.

A canalisação destes rios offerece vantagens

FOLHETIM

D. GARCIA DE MENEZES

Conto por J. E. L. de M.

III

Da enfermidade de que morriam os pilotos das naos de El-Rei no seculo XVI.

(Continuação do n.º 52)

Mas, durante o tempo que pozemos a apresentar D. Garcia de Menezes ao leitor, uma grave discussão tinha lugar a bordo entre o piloto da nao e outro piloto, que n'ella vinha de passagem. A cousa passou-se d'esta maneira.

— Que me dizeis, mestre piloto, perguntára o vice rei, D. Affonso de Noronha, ao piloto da sua nao.

— Que temos a India á vista, e que dentro em muito pouco entrará v. s.ª pela barra de Goa, fôra a resposta d'este.

D'entre a turbasilenciosa e submissa, levantou-se então uma voz, e ouviu-se:

— Cuidado, não vos enganeis, mestre piloto!

Cuidado não vos enganeis, mestre-piloto.

Esquecei, leitor, se tal vosfor permitido, Leviathan e as construcções monstruosas, que este seculo tem

por trez lados. A corrente arrastando grande quantidade d'arêas tem-lhe por tal forma elevado os alveos que o seu nivel poucos palmos differe do dos campos visinhos; d'aquí a facilidade com que as enchentes, mesmo pequenas, inundam os campos e destroem as suas produções abundantissimas.

Alem destes inconvenientes ha um outro e não menor que é a sua direcção angulosa. A corrente, quando engrossada pelas enchentes, destroee os obstaculos que encontra, e não poucas vezes, indo bater nas margens concavas, sae do leito para o campo destruir terrenos de grande valor, e produzir estragos que a custo se reparam.

A canalisação reunindo as aguas, diminua a facilidade do deposito dos areais e obsta assim a que o alveo destes rios continue a elevar-se; e modificando-se, quanto ser possa as curvas, augmenta-se a força da corrente, e daí nascem as vantagens para a agricultura destes fertilissimos campos.

A difficuldade da navegação nos mezes do estio provem de que a quantidade d'agua não é sufficiente, em consequencia da demasiada largura dos rios; e a canalisação corrigindo este excesso, facilitará a navegação, que hoje se dá, e que todos sabem que é grande.

A terceira vantagem está ligada ao caminho de ferro. Os rios Vouga e Agueda hão de ser parás ás estações da via ferrea, que lhe ficarem mais proximas, o que o rio Mondego hade ser para a estação de Coimbra; julgamos até que a experiencia hade mostrar a necessidade d'uma estação d'ordem inferior junto á ponte do Vouga.

De accordo com estes principios, e passando de leve por estas considerações, que nos poderiam levar longe, não é fora de proposito chamar a attenção do governo para este objecto. Porem a canalisação destes rios segundo os preceitos da sciencia era obra assaz dispendiosa, por consequencia incompativel com o estado actual das finanças, e assim jámais poderia ser de prompto attendida.

No meio disto lembramos um alvitro que poderá, talvez, ser aproveitavel. O governo deve, na epoca propria, mandar estudar a canalisação destes rios, calculando-se a largura que elles devem ter para satisfazer á navegação, e a direcção, cortando os angulos que for possivel, e alinhando com estacas por onde se assentar; feito isto e expropriado o terreno que se julgar preciso resta ceder aos proprietarios o terreno que fica desde a demarcação até á margem, impondo-lhe a obrigação dos trabalhos e reparos que se julgarem convenientes.

E' tal o desejo que todos tem de juntar á sua propriedade mais um bocadinho, e sabem elles tão bem a produção dos terrenos assim acrescentados, desses pequenos deltas, que nenhum se recusará aos trabalhos que lhe imporem.

Se por esta forma se não conseguir absolutamente o fim desejado, nada se perde por que servê este trabalho de preliminar para outros mais em ordem, sem com tudo ser grande o augmento da despesa.

Censurámos a camara municipal, principalmente, por ter augmentado a sua despesa creando empregos que até ali se tinham dispensado;

erguido sobre o dorso dos mares; ide ver a João de Lucena o que era a nao da India, e pezae apoz isto a valia dos pilotos d'essa carreira; que, d'outro modo, eu vos fico, nenhumamente e nunca poderei comprehender quão fundo em orgulho de homem penetrou a phrase, que abre este periodo, e muito menos chorar lagrimas, não indignas, sobre a tragedia, que cerrará este capitulo.

Assim, apenas o mestre piloto escutou e intendeu essa phrase, que acima deixamos dita, deu um pulo de ligeireza, pouco susceptivel de explicação nos seus sessenta annos, de ha muito bem completados. Depois do pulo, variação de côres, desde encarnado apoplectico, té á palidez de defuncto, e porfim, com voz tremula e sumida, e lançando davista raios capazes de derreter os gelos dos pólos:

— Quem fallou ahí?!

— Fui eu, respondeu placidamente um homem, entre os quarenta a cincoenta annos, de estatura meã, queimado do sol e maritimo no todo.

Era nem mais nem menos que o sr. João Rabello de Lima, piloto tambem e afamadissimo da India, que, já o dissemos, vinha de passagem na nao S. Pedro.

Um sorriso de desdem em boião, que começava a desabrochar nos labios do piloto da nao

a nossa censura prisestia, e todavia abandonamos o campo logo que o presidente disse, pelo seu jornal, que a reforma do pessoal da secretaria municipal fora feita a bem da ordem e regularidade do serviço. Queriamos essa ordem e regularidade ainda com maior sacrificio.

E' certo porem que a mentira, ainda a mais estudada, é um meio vil e indigno, um paliativo infiel, que bem depressa desaparece. Com o presidente da camara assim aconteceu. Felizmente, não somos nós que temos de fazer a arguição, é o seu escrivão, que a certificou!!!

O administrador do nosso jornal, pediu á camara lhe mandasse certificar qual o numero de lavradores, que em virtude d'uma postura municipal, veio aqui trabalhar com o seu carro e bois, e qual o numero dos que satisfizeram, dando 600 rs.; e isto do anno de 1860.

Depois de estudarem esta questão, desde 5 de dezembro até 2 de janeiro, respondeu-se como se segue:

«José Venancio da Silva Guimarães, escrivão da camara municipal de Aveiro, por sua magestade fidelissima que Deus guarde, etc.

«Certifico que o numero de lavradores que no anno referido remiram o serviço a que as posturas obrigam, e isto por occasião sómente da construcção da Malhada, foi o de trezentos trinta e sete mil e quarenta seis.

«Outrosim certifico que o numero dos que fizeram serviço, digo, quanto porem ao numero de lavradores que fizeram serviço não se pode certificar, porque, nem a camara actual, nem nenhuma das que aqui tem servido durante o governo constitucional fez apontamento algum a similhante respeito.

«Passo o referido na verdade. Secretaria da camara municipal d'Aveiro dous de janeiro de mil oitocentos e sessenta e seis. Eu José Venancio da Silva Guimarães, escrivão da camara que o subscreevi e assignei. — José Venancio da Silva Guimarães.»

Creou-se uma postura de que resultava para a camara cerca de oito centos mil reis, ou serviço correspondente, e não se relacionaram os individuos, que a ella estavam sujeitos, nem se tomaram as notas precisas para que a uns se não pedisse duas vezes, e a outros nem uma!!!

A postura facilitava a sua satisfação com 600 reis, logo a somma entrada no cofre municipal devia ser divisivel por 600, e como isto assim não acontece, é claro que o dinheiro cobrado não entrou todo no cofre, ou pelo menos perdou-se a algum compadre um resto...

Abstemo-nos de largas considerações — este documento define perfeitamente o estado da administração municipal; por aqui se pode julgar o resto!!

ESTRADA DE AVEIRO A VIZEU

Na ultima resposta que demos ao sr. Santos Tavares relativamente á estrada de Aveiro a Vizeu, enumeramos as povoações e logares, que o traçado do Valle do Vouga serve immediatmete, a fim de corresponder á citação que elle, com os seus informadores, nos fizera de todos os logares que servia o traçado da serra das Talhadas, e destruir d'uma vez as vergonhosas mentiras dos mesmos informadores. Fomos verdadeiros e exactos nas nossas asserções, como sempre o temos

(não chegou até nós o seu nome; como porem, somos bons catholicos não podemos deixar sem baptismo nenhuma personagem desta antiga historia, receberá por isso o de Alvaro Dias) o sorriso de desdem, que desabrochava, succedendo aos primeiros lances de ira, murchou instantaneamente quando o bom Palinuro encanou com mestre João Rabello, adversario mui digno de ser respeitado. Murchou, e o rosto de Alvaro Dias assumiu a dignidade do sabio, que entra em disputa.

João Rabello fallava: digo eu, sr. Alvaro Dias, e porfio que não é terra da India a que temos deante dos olhos.

— E eu que tenho feito sempre a minha derrota, argumentava o Dias, digo que é, e não pôde ser outra, ou a sciencia é mentira, e eu sou um charlatão.

E da impossibilidade de admittir esta absurda hypothese, resultava ao piloto confiança inteira em ser de India a terra que subia no horizonte.

O vice-rei interveio então, — Mas, pois que terra é esta? perguntou.

— Colombo de Ceylão, sr. pelos meus calculos, em quanto mestre Alvaro não emendar estes, e o mundo.

sido, sem que a ellas se nos tenha dado o mais leve desmentido.

Desde que sobre esta materia escrevemos o nosso primeiro artigo, a nossa tarefa n'este ponto quasi que tem sido exclusivamente assoalhar as falsidades dos que com ellas nos pretendiam contradizer. Cuidavamos que já estariam cansados de se comprometter, e que lhes teria chegado a vergonha, porém um dos informadores do sr. Santos Tavares, o mais trapaceiro, mas o mais pretencioso, não teve animo de se ficar sem acabar de mostrar as suas habilidades.

Quando vimos a arrogancia, com que elle começou o seu communicado no — *Campeão* —, quasi que chegamos a ter medo. A final, fez como a montanha da fabula, com a differença que, em vez de ter no fim a moralidade, acha-se-lhe a immoralidade no principio. *Chama, antes que lo chamem*, é o que significa o seu *informar falsa e descaradamente sem pejo*.

Depois de fazer um embroglio com os informadores e redactores do *Districto*, começa a fallar muito em S. Martinho, e seus devotos (com quem parece que tem grandes relações), e no meio d'isto, furta-nos tres asserções, e põe-se muito contente a mostral-as como falsas, que é para que elle faz toda aquella bulha.

Tinha elle dito: — *esse traçado desde Valle-Maior até Pecegueiro, na extensão talvez de mais de oito a dez kilometros, não tem povoação alguma*. Dissemos nós — *mentira*, porque entre aquellas duas povoações, o traçado atravessa tambem Mouquim, e passa por baixo de Villa-Nova dos Fuzos. —

Querem ver o que responde o trapaceiro? — *Mouquim e Villa-Nova são lugares da freguezia de Valle-Maior; por consequente, quem diz que desde a freguezia de Valle-Maior até Pecegueiro não ha povoação alguma, diz a verdade*. — Ora vejam; não tinha fallado em freguezias, e nem esse tinha sido o seu intento, como se vê da mesma distancia dos kilometros em que elle fallou; como porém o apanharam na trapaça, vem dizer que disse o que não disse, para substituir a mentira por uma tolice. Pois se a freguezia de Valle-Maior confina com a de Pecegueiro, como ha de haver povoações entre estas freguezias? forte pateta!

Disseramos nós — *o traçado... passa depois ao lugar dos Terreiros na Ugeira*. — Sabem o que o trapaceiro inventa? que disseramos, que *Ugeiros era outro povo... e que os Terreiros em Nespereira era um povo!* Isto nem merece resposta.

Diremos só, para os que não sabem d'ali nada, que a Ugeira é um contra-forte da encosta, no qual existe o *logar* dos Terreiros, como dissemos. Se tem dois ou só um morador, não deixa por isso de ser *logar*, que não é o mesmo que povo. Nós fomos bem claros, quando fallamos em povoações e logares.

Se o trapaceiro não sabe fazer essa differença, e não sabe ler, não temos culpa d'isso.

Tinhamos tambem dito, que o traçado ia á Villa de Oliveira de Frades, ficando-lhe perto d'um e d'outrolado a Deveza, Videira e Torneiros.

A Deveza e Torneiros? acode o trapaceiro; *toda esta farrapada* (os moradores que lho agradeceram) *forma a pobrezinha e pequena Oliveira, que só tem casas disseminadas*.

— Sr. João Rabello de Lima, (4) gritou o outro, cor de romã, ha quarenta annos que das ondas faço morada. Fui com Fernão Peres d'Andrade á China, com Martim Affonso á terra de Santa Cruz, (5) com D. Estevam da Gama ao Estreito. (6) Ha vinte annos que dirijo as naos da India, e, quando tenho dicto «é», nunca se encontrou alguém, que m'o contradissem. Ora eu ponho a cabeça no cepo, se hoje mesmo não entrarmos a barra de Goa.

— E eu, João Rabello, faço-me mouro, se não aportarmos a Ceylão, e, quem viver, verá.

— E' demais, é demais, vociferava mestre Alvaro, tão irado e sanhudo, que os circumstantes julgaram a proposito metter-se de permeio entre os dois gallos, que em breve ensanguentariam a arena.

— E que dizeis vós, Fernão Rume, perguntaram varios marinheiros ao veterano do mar, que, se nas historias que narrava pouco credito merecia a seus ouvintes, em materias d'esta ordem tinha plena e reconhecida auctoridade.

(Continúa)

(4) Nome e personagem historicos.

(5) Brazil sabe-se.

(6) Estreito de Babel-Mandeb, e ainda assim denominavam os nossos todo o Golfo Arabico.

Ora a villa de Oliveira de Frades é composta de ruas, e casas contiguas, havendo só grande interrupção para os lugares de Devezza e Torneiros, que, apesar de próximos á villa, se não podem considerar partes integrantes d'ella. Têm pelo menos mais razão para isso, do que para se considerarem povoações distinctas, a Ponte com a Feira, e Entre-aguas com a Seija, no traçado das Talhadas. — E' portanto outra falsidade dizer que Oliveira só tem casas disseminadas, e uma serie de trapações tudo o que escreveu o auctor do communicado. Mandamol-o embora por hoje, e que volte quando quizer, que nós cá estamos sempre de atalaia.

Publicamos em seguida uma correspondencia do sr. José Estevão que responde cabalmente ás calumniosas arguições que se lhe tem feito em relação ao projectado asylo de infancia.

Amigos redactores

Aveiro. 10 de janeiro de 1862.

Pelo que se tem escripto acerca da somma destinada para o estabelecimento d'um asylo d'infancia desvalida em Aveiro, poderá julgar-se, que eu tenho n'este negocio uma posição que realmente me não pertence, e responsabilidade de que estou inteiramente livre.

Consegui que uma parte de donativos de beneficencia offerecidos por cidadãos brasileiros, fosse applicada para o estabelecimento d'um asylo d'infancia em Aveiro.

Obtida aquella concessão, o asylo, que era apenas um projecto, teve logo, quem o representasse e dirigisse.

Nomeou-se uma commissão com este encargo, e com o titulo de = Commissão do asylo d'infancia desvalida em Aveiro =.

Eu nunca fiz parte d'esta commissão. Declinei essa honra para ficar estranho a todos os actos administrativos, que a commissão houvesse de praticar.

Desde que a commissão foi creada, o donativo do asylo de Aveiro esteve sempre á sua ordem, e sahiu do Banco de Portugal para o seu poder, com consentimento seu.

Aquelle dinheiro, depositado no Banco não rendia nada. Depositado na commissão não rende nem mais nem menos.

O sr. Bento de Magalhães não é um depositario escolhido por mim. É um membro da commissão do asylo, e é n'esta qualidade, que tem em sua mão aquella somma. Elle é responsável á commissão, e esta ao asylo.

Esta commissão é a unica entidade official, que se conhece em tudo o que respeita ao asylo. O seu presidente, o sr. Francisco Thomé Marques Gomes, está em correspondencia com o governo.

Fique-se por tanto entendendo que todos os negocios administrativos attinentes ao asylo pertencem á sua commissão.

Eu nunca vi o dinheiro do donativo, nunca dispuz d'elle, nunca tive direito para o fazer, e não respondo por similhante quantia por modo algum.

A commissão apenas me nomeou procurador do asylo. Tenho este diploma, e os poderes que me concede, nem me auctorizam a eu poder tocar em dinheiro, nem me servi d'elles para similhante fim.

Na qualidade de procurador do asylo limitei por ora as minhas diligencias a obter do governo, que concedesse uma parte do convento de Santo Antonio para aquelle estabelecimento.

Esta pretensão, na qual encontrei multiplicadas difficuldades, foi deferida haverá dois mezes; e é dessa data que deve contar-se a demora no estabelecimento do asylo.

Ainda assim, segundo o meu parecer, falta naquella concessão uma pequena clausula, que espero obter do sr. ministro.

Conseguido isto, as obras para o asylo podem começar; e eu continuarei a prestar a este estabelecimento os serviços que poder, conservando-me, como até aqui, alheio á sua administração.

Escrevi isto somente para pôr as cousas nos seus devidos termos, e dar dos factos uma exacta noticia.

Vosso amigo,
JOSE' ESTEVÃO.

Amigos e collegas.

N'um communicado sobre a estrada de Aveiro a Vizeu, inserto no n.º 991 do *Campeão das Provincias*, leem-se os seguintes periodos, que me dizem nomeadamente respeito. . . se o governo de sua magestade hesita . . . deve mandar inspecionar as duas directrizes, por um habil engenheiro, inacessivel a suggestões, e estranho á localidade, porqu' ha fundamento para averbarmos de suspeitos os relatorios do sr. engenheiro Bandeira de Mello.

Tanto mais, porque é certo, que, para a estrada passar em Souto á porta de seu honrado pae, é necessario levar-a por sitios taes, que nem as cabras se podem segurar. Quando o mesmo sr. a riscou por ali, valeram-lhe as carqueijas que agarrou; e, nas alturas do Rio Mau, em Sever, foi segurado por uma corda atada á cintura, como fazem os trolhas nos telhados da universidade de Coimbra! !

Já d'outra vez um senhor, que provavelmente era o mesmo, mas que então se assignou com o nome de padre João Pereira Ramos, de Campia, veio no *Viriato* com uma tolice identica, a que então julguei superfluo responder, mas de que agora castigarei a coincidência, visto que são tolhos ou maus.

Começo por não agradecer ao correspondente chamar honrado ao meu muito honrado pae, porque não lhe faz favor nenhum.

Agora em quanto a mim, direi o seguinte: Quando eu vim para a direcção das obras publicas do districto d'Aveiro, já o director, o sr. Silverio, a quem o governo encarregara do traçado da estrada pelo Valle do Vouga, tinha concluido os seus trabalhos até á ponte de Pecegueiro, e os tinha enviado para o ministerio, que em seguida lhos mandou continuar.

Tinha sido com o sr. Silverio que se tinha dado o facto de se mandar segurar por uma corda atada á cintura, para poder medir um angulo, cujo vertice cahia em sitio perigoso, o que nada prova contra a directriz, que fica muitas vezes muito distante dos vertices dos angulos. Mente, pois, o correspondente com todo o desaforo, quando me attribue esse facto, aliaz honroso, que só prova o amor do trabalho em quem o praticou, a quem o engraçado correspondente compara com os trolhas dos telhados da Universidade de Coimbra, com um espirito proprio dos que, no pateo da mesma Universidade, apanham as pontas dos cigarros que lá deixam cahir os estudantes.

Fui, é verdade, empregado na confecção desse traçado, mas sómente da ponte de Pecegueiro para cima, como toda a gente para alli sabe, assim como que andei sempre debaixo das ordens do sr. Silverio, a quem cabe a responsabilidade do traçado, á excepção das partes entre a Ponte de Pecegueiro e Cedrim, e entre Ribeiradio e Porcelhe, em que trabalhei só. Tambem, pela bondade do sr. Silverio, discuti sempre com elle as diversas variantes que se apresentavam dentro da direcção geral do traçado, mas essa discussão interrompi-a eu desde as proximidades de Oliveira de Frades até á sahida de Souto, em que, por serem alli as terras dos meus parentes e amigos, e a casa de meu pae, me dei a mim mesmo por suspeito, e fui um mero ajudante do sr. Silverio. Isto é sabido e corrente, e nem o sr. Silverio nem eu declinamos a responsabilidade do que fazemos.

Agora pergunto. Que trabalhos meus são esses que devem considerar-se como suspeitos?! Quem foi que mandou fazer um traçado pelo Valle do Vouga, que passasse pela ponte de Pecegueiro, Ribeiradio e Oliveira de Frades, foi o governo ou fui eu?! quem foi o encarregado da direcção d'esses trabalhos, foi o sr. Silverio ou fui eu?!

Onde está o rio Mau, e esses sitios defficeis que querem dizer, é antes de Oliveira de Frades, ou entre Oliveira de Frades e Souto, povoações quasi pegadas?

Então que culpa tenho eu, de que o traçado passe em Souto perto da casa de meu pae?! Com effeito, é até onde pode chegar o furor de mentir, a má fé e a toleima.

Querem que a estrada, passando em Oliveira de Frades, não siga por Soito para Vouzella e ponte do Banho? Não o entendeu assim o sr. Souza Brandão e o sr. Vieira, quando já anteriormente tinham passado por aquelles sitios, e não o entendeu tambem assim o sr. Silverio, que fez o traçado. Mas pugnem por isso, e consigam-n'o, que não serei eu quem dê nem o mais leve passo para obviar a tal. Para o que porem lhes não dou licença, é para vir impunemente lançar insinuações sobre o meu character, suppondo-me capaz de abuzar do meu emprego a ponto de me ser necessario fazer um traçado por sitios intransitaveis para poder levar-o pela porta de meu pae, como se vê que querem insinuar, affrontando a verdade e a consciencia!

Mas não pára aqui a impudencia.

Do seu modo de dizer deprehende-se que não é só por causa da passagem do traçado por Souto que os meus supostos trabalhos se devem considerar suspeitos, porque esta razão é precedida d'um tanto mais, e antes d'isso pede-se um engenheiro habil, extranho á localidade, e inacessivel a suggestões. Não sou habil, nem extranho á localidade, mas desafio quem quer que seja a que me cite um facto qualquer, em que alguma vez eu me mostrasse accessivel a suggestões contra os meus deveres de homem publico. Emprazo para isso solememente o *insuspeito* articulista, por quem o sr. Silverio que fez o traçado, e extranho á localidade, é tambem implicita e principalmente accusado de inhabil, e accessivel a suggestões!!!

E fallam em censura da imprensa, estes embusteiros! e appellidam-se *opinião publica*, estes imbecis! e não querem que os castiguem, estes insolentes! Enganam-se. Eu conheço-os. Accostumados a trapações e alicantinas, julgam os outros por si, e nem sequer concebem o que é o character dos homens de bem. Têm alguma desculpa por isso, mas os outros é que não estão para os aturar. Eu faço-lhes como fez uma occasião um sujeito de educação a um juiz ordinario (muito ordinario, já se vê) perante quem compareceu em juizo, e que começou a interrogar-o insolentemente de chapu na cabeça: aquelle respondeu-lhe com termos de desprezo, e quando este lhe lembrou que era juiz, disse-lhe o sujeito — *tire o chapu da cabeça, e apresente-se com decencia, e então o reconhecerei como tal.* — Estamos no mesmo caso.

Esta correspondencia, amigos redactores, era para o *Campeão* que eu a devia remetter, mas as relações individuaes em que estou com aquelle jornal inhiem-me de que eu deva dirigir-me a elle, como tambem me parece que ellas o deviam inibir de publicar nada a que eu tivesse de responder com a minha assignatura.

Aveiro 11 de janeiro de 1862.

Vosso
J. BANDEIRA.

ESTATISTICA CURIOSA

Da milicia da Gran-Bretanha e dos Estados-Unidos.

Effectivo da marinha de guerra da Gran-Bretanha, segundo o Navy-List de abril de 1861.	A vapor		A véla	
	A nado	Construção	A nado	Construção
Naus de linha	53	14	10	0
Ditas com couraça	1	6	0	0
Fragatas	40	12	17	0
Corvetas	28	4	0	0
Sloops	93	14	18	0
Vapôres de dimensões inferiores	24	2	1	0
Chalupas canhoneiras	189	4	0	0
Baterias fluctuantes	8	0	0	0
Chalupas bombardas	4	0	83	0
Transportes	65	1	0	0
Navios para serviços das pontes e guarda-costas	70	0	132	0
Total	575	57	261	0

Total dos navios 893. — Total d'artilheria 16:411 peças. — Força do vapor 117:200 cavallos.

Marinha de guerra dos Estados-Unidos.	A vapor		A véla	
	N.º	Peças	N.º	Peças
Naus velhas e novas			10	872
Fragatas " "			10	500
Corvetas " "			20	406
Brigues " "			3	16
Escunas			1	3
Vapôres de todas as dimensões	49	496		
Total	48	496	44	1:797

Total, 92 navios com 2:293 peças, segundo o Naval Register de 1860.

Pessoal da marinha de guerra da Gran-Bretanha — Navy-List — Abril de 1861.	Em effectivo.	Meio soldo	Reformados
Almirante	21	16	14
Vice-almirante	27	28	64
Chefes d'esquadra	51	50	45
Capitães de nau	348	98	336
Commandantes	440	125	576
Primeiros tenentes	855	427	32
Segundos tenentes e outros	3:627		
Officiaes de bandeira (Flag officers)	246		
Inspectores de quereña	34		
Officiaes inferiores	2:075		
Marinheiros	40:208		
Moços	6:988		
Soldados de marinha, e guarda-costas	23:280		
Total	78:200	744	1:067

Pé de paz.

Exercito da Gran-Bretanha, segundo o orçamento de 1861-1862	Officiaes	Officiaes inferiores e soldados	Cavallos
Cavallaria	677	12:433	7:626
Infanteria	4:073	94:826	
Artilheria	848	20:399	4:000
Engenharia	384	4:151	120
Trem	109	1:800	996
Estado Maior general	162		
Estado Maior do commissariado	198		
Corpo sanitario	439	1:000	
Estado Maior dos batalhões de depósito	126	112	
Dito dito para o recrutamento	35	62	
Pagadores	90		
Total	7:141	133:783	12:742

Tropas colloniaes	249	5:134	900
-----------------------------	-----	-------	-----

India.			
Cavallaria	272	4:744	4:696
Infanteria	2:038	46:860	
Artilheria	218	5:909	3:326
Total	2:528	57:513	8:022
Exercito Indio		110:400	
Total	2:528	167:913	8:022

A milicia, com uma organisação militar, contava em fevereiro de 1861 (Inglaterra)	148:000	16:000	
Corpo de policia militar na Irlanda	12:400	358	

Com 330 officiaes, 6:358 soldados, 240 cavallos do depósito na India, que omitti no quadro, tem a Inglaterra um exercito de 10:248 officiaes, 306:830 soldados, com 21:904 cavallos.

DOCUMENTO DIPLOMATICO.

A *Presse* publicou, e os demais jornaes re- produziram, a nota que o ministro dos negocios estrangeiros do imperador Napoleão dirigiu ao representante da França em Washington, acerca da questão anglo-americana. Copiamos pois este documento, digno de attenção, porque contém a maneira porque o governo imperial considera aquella questão.

Paris 3 de dezembro.

«Senhor. — A prisão de MM. Mason e Sliddell, a bordo do paquete inglez *Trent*, por um cruzador americano, produziu em França, senão a mesma emoção que em Inglaterra, ao menos uma admiração e sensação extrema.

«A opinião publica preocupou-se muito da legitimidade e das consequências de um similhante acto, e a impressão que produziu não foi por um instante duvidosa. O facto pareceu-lhe de tal maneira em desacordo com as regras ordinarias do direito internacional, que a responsabilidade foi desde logo exclusivamente lançada sobre o commandante do *S. Jacintho*.

«Ainda nos não é dado saber se esta supposição é fundada, e o governo do imperador julgou dever, desde logo, examinar tambem a questão que suscitava a captura dos passageiros do *Trent*.

«O desejo de contribuir para prevenir um conflicto imminente, talvez, entre as duas potencias, a respeito das quaes está animado de sentimentos igualmente amigáveis, e o dever de manter, a fim de collocar os direitos da sua propria bandeira ao abrigo de qualquer ataque, certos principios essenciaes á segurança dos neutros, o convenceram, depois de maduro exame, de que não podia n'estas circumstancias permanecer completamente silencioso.

«Se, com grande sentimento nosso, o gabinete de Washington estiver disposto a approvar a conducta do commandante do *S. Jacintho*, seria o considerando MM. Mason e Sliddell como inimigos, ou não vendo n'elles senão rebeldes. Tanto n'um como n'outro caso, daria uma prova de esquecimento extremamente perigoso dos principios em que sempre temos encontrado os Estados-Unidos de accordo conosco.

«No primeiro caso, com que titulo poderia o cruzador prender MM. Mason e Sliddell? Os Estados-Unidos admittiram conosco, nos tratados concluidos entre os dois paizes, que a liberdade da bandeira se estendia ás pessoas que se encontrassem a bordo, ainda mesmo quando fossem inimigos das duas partes, salvo quando se tratasse de militares ao serviço do inimigo.

«MM. Mason e Sliddell estavam pois, em virtude d'este principio, que nunca tivemos difficuldade de inserir nos nossos tratados de amizade e de commercio, perfeitamente livres sob o pavilhão neutro da Grã-Bretanha.

«Sem duvida se não pretenderá que elles podessem ser considerados como contrabando de guerra. E' verdade que o que constitue o contrabando de guerra ainda não está precisamente fixado; os limites não são absolutamente os mesmos para todos os paizes; mas no que se refere ás pessoas, as estipulações especiaes que se encontram nos tratados acerca de homens de guerra definem francamente o caracter d'aquelles que só podem ser apprehendidos pelos belligerentes.

«Ora, não ha necessidade de demonstrar que MM. Mason e Sliddell não poderiam ser assimilhados a pessoas d'esta cathogoria. Não restava, desde logo, a invocar, para explicar a sua captura, senão o pretexto de que elles eram portadores de despachos officiaes do inimigo. Ora, não é aqui occasião de lembrar uma circumstancia que domina todo este negocio, e que torna injustificavel a conducta do cruzador americano.

«O *Trent* não se destinava a ponto algum pertencente a um dos belligerentes. Conduzia para um paiz neutro a sua carga e passageiros, e foi além d'isso n'um paiz neutro que os tinha recebido.

«Se fosse admittido que debaixo de taes condições a bandeira neutra não cobria completamente as pessoas e as mercadorias que transporta, a sua immunidad não seria mais do que uma palavra vã; a cada instante o commercio e a navegação das terceiras potencias soffreria nas suas relações innocentes ou mesmo indirectas com um ou outro dos belligerentes.

«Estas ultimas não teriam só o direito de exigir do neutro uma completa imparcialidade, de lhe prohibir que se envolvessem de qualquer maneira nas hostilidades; commetteram um ataque á sua liberdade de commercio e de navegação, impondo-lhe restricções de que o direito internacional moderno se recusa a admittir a legitimidade.

«Em uma palavra, não se voltaria a práticas vexatorias contra ás quaes, n'outras epochas, nenhuma outra potencia protestou mais vivamente do que os Estados-Unidos.

«Se o gabinete de Washington só queria vêr nos dois personagens presos rebeldes que sempre tem o direito de apprehender, a questão, para se collocar n'outro terreno, não poderia ser resolvida em um sentido favoravel á conducta do commandante do *S. Jacintho*.

«Neste caso, dava-se o desconhecimento do principio que torna qualquer navio uma parte do territorio da nação a cuja bandeira pertence, e a violação de immuniidades que se oppõem a que um soberano estrangeiro ali erigira, por consequencia a sua jurisdicção.

«Não é sem duvida necessario recordar a energia com que, em todas as occasiões, o governo dos Estados Unidos defendeu essa immuni-

dade e o direito de asylo que é a sua consequencia.

«Não querendo entrar n'uma discussão mais profunda das questões suscitadas pela captura de MM. Mason e Sliddell, creio ter dito bastante para estabelecer que o gabinete de Washington não poderia dar a sua approvação ao procedimento do *S. Jacintho*, sem atacar principios que todas as potencias neutras estão igualmente interessadas em fazer respeitar, nem sem se collocar em contradicção com a sua propria conducta até hoje. N'este estado de coisas, não pôde na nossa opinião, evidentemente hesitar, sobre a resolução que lhe cumpre adoptar.

«Lord Lyons já está encarregado de apresentar os pedidos de satisfação que o gabinete de Londres julga necessario formular, e que consistem na entrega immediata das pessoas apprehendidas a bordo do *Trent*, e em se darem explicações que tirem a este facto o seu caracter offensivo para o pavilhão britannico. O governo federal ha de inspirar-se de um sentimento justo e elevado, deferindo aos seus pedidos. Em vão se procuraria com que fim, e com que interesse se arriscaria a provocar, por uma attitude definitiva, um rompimento com a Grã-Bretanha.

«Quanto a nós, que vemos n'este facto uma complicação, deploravel a todos os respeito, das difficuldades com que o gabinete de Washington já está a lutar, e um procedimento que serviria para inquietar seriamente todas as potencias que estão fóra do conflicto actual, julgamos dar um testemunho de leal amizade ao gabinete de Washington, não lhe deixando ignorar n'estas circumstancias a maneira por que pensamos.

«Convido-vos, pois, senhor, a aproveitar a primeira occasião para vos declarardes francamente com mr. Seward, e se elle vos pedir lhe entregareis uma cópia d'este despacho.

«Renovo, etc.
«(Assignado) *Thouvenel.*»

PARLAMENTO

Camara dos srs. deputados.

Sessão em 8 de janeiro de 1862

Aos tres quartos depois do meio dia abriu-se a sessão, estando presentes 60 srs. deputados.

Acta approvada.
A correspondencia teve o competente destino.

Mandou-se communicar ao sr. ministro das obras publicas uma nota de interpellação do sr. Quaresma acerca da directriz do caminho de ferro do norte entre Soure e Coimbra.

Em seguida tiveram segunda leitura quatro projectos de lei, dos quaes o mais importante é o do sr. Mazzotti auctorizando o governo a applicar a quantia de 200 contos de reis ao indispensavel melhoramento da salubridade em todos os districts do reino.

O sr. Cyrillo Machado ponderando a conveniencia de reformar as leis do recrutamento, tanto para acabar com os vexames que soffrem os povos, como para que o exercito tenha soldados, pediu que a commissão de administração publica desse o seu parecer sobre os differentes projectos que estão entregues ao seu exame.

O sr. Sá Nogueira disse que este negocio pertence cumulativamente ás commissões de guerra e de administração publica, as quaes nomearam, na sessão passada uma commissão d'entre os seus membros para cuidar deste assumpto, e pediu esclarecimentos ao governo, os quaes ainda não vieram, e por isso as commissões ainda não podem dar parecer.

O sr. presidente disse que se devia passar á ordem do dia, mas tendo pedido a palavra o sr. José de Moraes para um negocio urgente, consultava a camara sobre se lhe concedia.

Resolveu-se affirmativamente.

O sr. José de Moraes ponderou que a companhia do caminho de ferro do norte, logo á saída de Coimbra construiu um paredão, que embaraçando que as aguas do Mondego, quando crescem se repartam, como até aqui acontecia, pelos leitos novo e velho do rio, vão só pelo novo leito com grande risco de destruir marachões e de causar graves prejuizos aos proprietarios da margem do rio, e desejava saber que providencias contava adoptar o sr. ministro das obras publicas para obviar este grande mal.

O sr. ministro das obras publicas disse que este negocio tem merecido toda a attenção do governo.

Que o paredão de que se tracta foi feito pela companhia sem authorisação do governo, e que impoz á companhia, toda a responsabilidade dos prejuizos que proviesses da construcção do paredão.

Uma pequena cheia do Mondego fez vêr que esta construcção causava graves prejuizos, e por uma portaria tornou a companhia responsavel por elles; e querendo obrar com prudencia mandou ouvir o conselho de obras publicas sobre a necessidade de mandar destruir o paredão; o conselho já deu a sua consulta e brevemente providenciará definitivamente a este respeito.

Ordem do dia

Entrou em discussão o projecto n.º 86 para o restabelecimento do conselho de Souzel

O sr. Antonio de Serpa pediu ser informado, se o governo se conformou na commissão com este projecto.

O sr. Annibal fez algumas considerações para mostrar a desnecessidade da presença do governo para se discutir este projecto; por que ha na camara deputados que possam dar as explicações necessarias sobre o assumpto.

O sr. Sá Nogueira oppoz-se á reforma da divisão administrativa feita a retalhos.

O sr. Calça e Pina opinou pela discussão do projecto, independentemente da presença do governo.

O sr. Antonio de Serpa sustentando a necessidade de ser ouvido o governo, propoz o addiamento da discussão d'este projecto até estar presente o sr. ministro do reino ou algum dos srs. ministros que se declare habilitado a dar informações á camara sobre o mesmo projecto.

Sendo apoiado foi combatido o addiamento pelos srs. Anibal e Calça e Pina e sustentado pelos srs. Vaz Preto e barão das Lages; e requerendo o sr. Mendes de Vasconcellos que se julgasse a materia discutida, não houve vencimento,

Continuando por tanto a discussão sobre o addiamento, e depois de mais algum debate, foi approvedo o addiamento até que o governo apresente uma proposta sobre a reforma geral territorial.

Entrou em seguida em discussão o projecto 119, que foi approvedo sem discussão.

Passou-se ao projecto de lei n.º 72, que foi igualmente approvedo depois d'algumas observações dos srs. Palmeirim, ministro da guerra e Placido d'Abreu.

Terminou com a discussão do projecto 73, que ficou pendente por dar a hora.

O sr. presidente declarando que a ordem do dia para amanhã são trabalhos em commissões, e para sexta-feira a continuação da que vinha para hoje e mais o parecer n.º 2 da commissão de poderes, e os projectos 56, 129, e 51, levantou a sessão.

Eram 4 horas da tarde.

PARTE OFFICIAL

Ministerio da Fazenda.

(Conclusão do n.º antecedente.)

Tabella N.º 4

São isentos do imposto do sello

- 1 As dispensas de pregões nos casamentos de consciencia.
- 2 As notas dos bancos a que por lei se tenha concedido ou conceda esta isenção
- 3 Os alvarás de emancipação ou de supplemento de idade, provando os requerentes, com certidão jurada do seu parcho, serem pobres.
- 4 Os diplomas das pensões contempladas no decreto de 18 de outubro de 1836.
- 5 Os livros de receita e despeza, e de termos de deliberações ou eleições de misericordias, hospitaes e estabelecimentos de beneficencia.
- 6 Os diplomas de approvação e confirmação de estatutos das sociedades ou estabelecimentos de piedade, instrução ou beneficencia, e dos monte-pios, comprehendendo-se n'esta isenção: Os recibos das quotisações periodicas e das joias dos seus socios; Os das quantias recebidas pelos seus pensionistas; Os das suas transacções por empréstimos sobre penhores.
- 7 As portarias de simples comunicação das mercês lucrativas ou honorificas, pelas quaes se hajam de passar diplomas de assignatura real.
- 8 Os bilhetes de residencia passados a pobres.
- 9 Os vales do correio.
- 10 Os recibos de simples deposito de dinheiro nas caixas economicas, e os que se passarem em armazens de generos em guarda ou deposito.
- 11 Recibos passados nas guias de transitio ou a bordo dos navios pela entrega da carga, ou pelo comprador por conta de alguma partida comprada até estar completa a entrega.
- 12 Os livros de deposito, cheques e recibos dos bancos approvedos por lei.
- 13 Os recibos passados nas letras e escriptos commerciantes já sellados.
- 14 As letras sacadas em paizes estrangeiros sobre praças estrangeiras, quando simplesmente se negociarem em alguma parte da monarchia portugueza.
- 15 Os diplomas de aforamentos de bens municipaes.
- 16 Os recibos, contas e documentos de gerencia e administração das camaras municipaes.
- 17 Os recibos e contas dos estabelecimentos de beneficencia e piedade.
- 18 Os recibos da imprensa litteraria e politica.
- 19 Os estatutos das sociedades litterarias, artisticas e das associações operarias.
- 20 As ordens que se expedirem ex-officio pelas auctoridades publicas.
- 21 As representações ou requesições de quaesquer auctoridades individuais ou collectivas sobre objectos de interesse publico.
- 22 Requerimentos de particulares pedindo a restituição de documentos juntos a requerimentos que tenham sido indeferidos.
- 23 Os titulos de credito creados e emitidos pelo governo, ainda que tenham a natureza de letra ou nota promissoria.
- 24 Os processos em que o ministerio publico ou a fazenda nacional for parte. Se porém o réu for a final condemnado pagará o sello de todo o processo, excepto se for livramento de algum preso pobre, devendo n'este caso verificar-se a impossibilidade de pagar o sello por attestation jurada do administrador do concelho e do parcho respectivo. Os escriptos d'esses feitos não poderão perceber dos réus condemnados os salarios que lhes competirem, sem estar pago o sello dos autos. A transgressão d'esta lei será punida com a multa de 20\$000 a 100\$000 réis; e no caso de reincidencia, além do pagamento da mesma multa, perderá o escripto o officio.

25 Os diplomas de nomenclatura dos professores de instrucção primaria.—Paço em 10 de dezembro de 1861.—Antonio José d'Avila.

NOTICIARIO

Partida — Partiu hontem desta cidade em direcção a Coimbra, onde já o esperava sua exm.ª familia, o sr. José Estevam Coelho dos Magalhães.

S. ex.ª vae d'ali para Lisboa tomar parte nos trabalhos legislativos.

Arborisação — A camara mandou plantar arvores no largo municipal, e em outros locais aonde já tinham sido plantadas pelas camaras transactas. E' justo que assim seja vista a influencia que as arvores exercem, hygienicamente falando, é pena porém que no largo municipal se plantassem só d'uma especie, desprezando a variedade que dizem deleitar.

Festividade — Teve logar no domingo ultimo a festa de S. Gonçalo, na sua respectiva capella d'esta cidade, havendo missa, e sermão. Na vespera houve fogo preso, fogueiras, a dança e cantarola do costume, dentro da capella.

Effeitos da chuva — E' lamentavel o estado em que estas ultimas chuvas deixaram os caminhos proximos á cidade. E' preciso olhar por elles, um carro d'aterro pode ser sufficiente para prevenir um lameiro.

Paiva — Consta-nos que durante a ausencia do sr. administrador do concelho de Paiva, que o sr. governador civil, entendeu dever aqui reter para que o processo do recrutamento corra ali legalmente, se acha funcionando como administrador, o escriptão da administração, homem ali mal quisto e desconhecido e que tem estado culpado e não sabemos se ainda o está!!!

Tambem daquelle concelho nos escrevem agradecendo-nos a noticia que lhes demos de se achar aqui o seu administrador, cuja ausencia tanto choravam os Paivenses, e nem sabiam onde se achava, e só lhes constava que tinha sido chamado pelo sr. governador civil, uns diziam, que para lhe dar algumas lições de musica, visto que aquelle administrador nos ultimos tempos se declarou apaixonado por certa *Ella*, passando noite e dia na rua de Sobrado de Paiva, junto ao banco do ferrador, cantando arias só acompanhadas ao som do martello sobre a bigorna, e que mentalmente dedicava á sua *Ella*. Outros diziam que tinha sido chamado para o mandar para a escola aprender a escrever, visto que o sr. governador civil lhe offieciara prohibindo-o de lhe escrever por sua letra, porque o não sabia fazer.

Tudo isto eram boatos, mas todos ignoravam a verdadeira causa do chamamento e ainda hoje não accreditão que um governador civil retire do seu concelho o administrador e o retenha aqui para não entorpecer o andamento do processo do recrutamento e para não continuar a fazer como fez a um manco de quem recebeu quatro libras e de que já se queixou um nosso correspondente e assignante.

E conserva-se um homem destes, sr. governador civil?

Ha muitos assim — Um regedor, homem entendido em cousas d'etymologia, a quem pelo administrador do respectivo concelho foi requisitada a estatistica das varias especies de gado existente na sua freguezia, vendo escripto o termo «azinino» no impresso que recebera da auctoridade, e, não atinando com a significação d'elle, poz-se a fazer reflexões por a fórmula seguinte:

— Azi-ni-no? !! Um . . . um . . . Aquí ha cousa. Azi e nino. Isto é alguma palavra grega. Não pôde deixar de ser. Ah! dei no vinte. Azi vem de aza, e nino . . . nino não quer dizer nada. E' couza de aves. Tem azas. . .

E redigiu assim a noticia estatistica:

Gados:	Cabeças:
Vacuum	"
Suino	"
Caprino	"
Cavallar	"

Azinino, incluindo patos e perús . . . 2:689

E que lhes parece o maganão? O que elle devia fazer era metter-se no rol dos individuos da quarto, ou quinta especie.

Analyse chymica — Dizem-nos que os chymicos encarregados de analysar as visceras e mais contentos do cadaver de sr. infante D João requisitaram pelo ministro da justiça não só a historia minuciosa da doença de que S. A. foi victima, mas tambem a presença de algum dos facultativos assistentes do mesmo agosto senhor. Os illustres chymicos querem desempenhar-se com o maior escripto da sua importante missão, e por isso querem comparar os resultados dos seus exames com os symptomas morbidos, que S. A. apresentou successivamente até á hora do fallecimento. Parece que o sr. Magalhães Coutinho se prestou immediatamente para coadjuvar os chymicos. (Rev. de Setembro)

Exposição de Londres — O palacio que se levanta em Londres para a Exposição Universal de 1862, sob a direcção do capitão Fowke, progride com rapidez.

Ainda mesmo depois de concluidos os trabalhos que se acham agora em andamento, serão apenas o esboço de um projecto mais grandioso, que os empozarios completarão mais tarde, para que seja um monumento nacional, á medida que os lucros lh'o permittam, porém, desde já pôde julgar-se da importancia da obra pelas seguintes particularidades:

Na obra da grande galeria entraram 10 milhões de tijolo. As galerias e corredores cobertos tem quasi 60\$000 metros quadrados de vidraças. Contam-se 1:000 columnas de ferro fundido com 16 a 32 centimetros de diametro.

A construção da galeria das machinas exigiu 1:165 postes de madeira. Finalmente, no todo do palacio entram 4 milhões de kilogrammas de ferro fundido e perto de 1 milhão e meio de ferro forjado.

Preocupação acerca dos defunctos. — (Diz a Nação) A veneração aos mortos é uma prova de civilização, diz o doctor Torchin, medico higienista da camara de Turin.

E se lhes devêmos veneração, acrescenta, por que ha tanta gente que tem medo delles? Se o defuncto durante a vida fez apenas bem, para que o temeremos? Não é uma prova de supina ignorancia o pensar que a materia inanimada pôde mover-se e causar damno. E como qualifi-carei a preocupação dos que julgam, que, quando um defuncto ficou com os olhos abertos, é quando chama para si a outro individuo?

Outra preocupação consiste em julgar que, quando por casualidade se apaga a lampada ou vela, que allumia o cadaver, é indicio de que tem muito a padecer na vida futura.

E que fundamento racional pôde ter a crença popular de que, quando a cruz tem de entrar em uma sexta-feira em a casa mortuaria, não se passa o anno sem que falleça outro individuo da mesma familia?

Similhanças preocupações e outras muitas parecer-me-hião impossiveis (conclue o dr. Torchin) se eu mesmo não tivesse presenciado.

Que vai de guerras! — A Esperança, jornal de Madrid, annuncia as seguintes guerras que estão hoje pendentes no mundo: a guerra civil de Napoles; a dos turcos com os montenegrinos; a dos russos e os polacos; a guerra civil dos Estados-Unidos; a de França, Inglaterra e Hespanha com o Mexico; a da Cochinchina; e a de quasi todas as republicas da America umas com as outras e entre si. Afóra estas estão em perspectiva a de Inglaterra e os Estados-Unidos, que é facil que se complique e produza outra com a Russia, e não seria para espantar que de motivo á esperada com a França; a do Piemonte com a Austria; as que surjam da questão do Oriente, é impossivel calcular quantas serão; a de Alemanha com a Dinamarca, senão com todos os estados escandinavos, e algumas mais.

CORREIO

LISBOA 12 DE JANEIRO

(Do nosso correspondente.)

Não faz idéa dos muitos boatos de crise ministerial que por aqui tem corrido, nem da diversidade de nomes que tem sido indigitados para substituirem os actuaes ministros.

Uns dizem que sae o sr. marquez de Loulé, que seria encarregado de ir até Pariz para tratar do casamento d'el-rei, ficando presidente do conselho o sr. visconde de Sá, e entrando para a repartição do reino o sr. Antonio Luiz de Seabra. Outros não se contentam com a saída d'um ministro, e dão como certo que dos que estão somente ficariam dois; outros levam a cousa mais longe, e já tem apparecido listas lithographadas, em que figuram os nomes d'alguns individuos muito conhecidos, como formando uma administração.

Vi uma das taes listas, na qual apparecia como presidente do conselho o sr. Alexandre Herculanio, ministro do reino o sr. Silva Tullio, da fazenda o sr. Hermenegildo Blanc, das obras publicas o sr. Victorino Damazio, da marinha o sr. Sergio de Souza, da guerra o sr. Joaquim Thomaz de Souza. Não me lembro do nome do preconizado ministro dos negocios estrangeiros, e creio que era o sr. Ferrer o que se apontava para o ministerio das justicas.

Ha quem attribua a lembrança de semelhante noticia a um maganão de bom gosto, que a mandou fazer e distribuir para se vingar de ter apparecido o seu nome n'uma lista ministerial que se espalhou na occasião dos tumultos.

Seja o que for, o caso é que em se fallando em crise ministerial, não ha ninguém que não indique um ou mais nomes, ou o ministerio completo, corroborando a sua affirmativa com factos, que diz ter ouvido a pessoas muito competentes e bem informadas.

Sem querer parecer-me com esses taes improvisadores de novidades politicas, creio poder affirmar-lhe que por enquanto não haverá mudança ministerial, e que esta sómente poderá realizar se diante d'uma votação contraria no parlamento. Haverá alguma modificação, e nada mais.

Ha quem se persuada de que a situação em que nos encontramos se resolve por meras intrigas de conventiculo, e que estamos em tempo de resolver a crise porque actualmente passamos, por expedientes de corrilho. Quanto a mim, tal opinião é errada, e o futuro o mostrará.

Antes de hontem houve reunião da opposição. Estiveram 42 deputados. Ouvi dizer que se tratara de escolher um ponto para dar batalha séria contra o gabinete, e de combinar as forças das fracções da opposição nas duas camaras. Tambem se diz que a reunião fora para deliberar sobre o procedimento da opposição nas duas questões da regencia e da successão, sobre se era ou não necessario eleger uma camara constituinte para decidir aquelle negocio.

Não affirmo que isto seja verdade. Communico-lhe o que ouvi, e não me responsabilizo pela noticia. O que sei é que a opposição se tem reunido por mais d'uma vez, e que por ora não deu signal de si.

As conferencias em casa do sr. conde de Thomar tem continuado tambem; mas parece que o fim principal dellas foi a creação d'um novo jornal, que se diz cahirá na proxima semana.

A nova folha tem o titulo de *Conservador*. E' redactor principal della o sr. Rebello da Silva, a quem foi incumbido um artigo de programma, que já está feito. Os outros redactores diz-se que são os srs. Antonio Lacerda e Nuno Pacheco, que já o tinham sido do *Parlamento*. E' editor responsavel o sr. Marianno José Cabral.

Hontem á noite houve reunião da maioria no ministerio do reino. Parece que se tratou do projecto sobre arrosas e pantanos, que o governo n'enciona appresentar ás camaras. Ouvi dizer que fora combattido energicamente pelo sr. Aragão Mascaranhas, defendido com muito calor pelo sr. Mendes Leal.

A conferencia da maioria prolongou-se até tarde. A proposta contem artigos repressivos sobre a cultura do arroz, não se permitindo a continuação do cultivo em alguns pontos depois de dezembro deste anno, e ficando sujeita a mesma cultura onde for consentida a uma acção muito vigilante das auctoridades locais e sanitarias. A proposta tambem contem algumas disposições aduaneiras, como, por exemplo, a diminuição no imposto de importação do arroz estrangeiro, e a permissão para ser introduzido por algumas alfandegas menores e da raia secca.

Recebeu-se hontem aqui uma participação telegraphica de Loulé, dando aquella villa em estado d'agitación. Talvez seja o preludio da repetição das scenas do anno passado. Creio, porem, que o negocio não se apresenta por em quanto de gravidade, pois me consta que apenas se dá ordem pelo ministerio da guerra para reforçar com algumas praças o destacamento que existia em Loulé.

As sessões das camaras não tem offerecido ainda grande interesse. A mais importante foi a de sexta-feira na camara dos pares, em consequencia da interpellação do sr. marquez de Vallada.

Pelas declarações do ministro dos negocios estrangeiros, ainda que feitas com toda a reserva, parece que existe ou pelo menos que existio o compromisso com a curia romana de ir a Roma o nosso arcebispo de Goa antes de partir para o seu destino. Julga-se, comtudo, que o governo tem procurado tratar de eliminar esta clausula na convenção diplomatica que está negociando.

Vereámos como a cousa se passa, e creio que não teremos que esperar muito tempo, pois o ministro da marinha declarou que em breve a camara teria conhecimento de todo o negocio.

Quanto ao relatório sobre os tumultos, ha tambem a promessa de ser apresentado com brevidade, e o sr. Avila concluiu a sua explicação dando a entender que havia comprometidas nos acontecimentos pessoas de situação elevada. Pelo menos, é o que se depreheende das palavras com que concluiu, dizendo que talvez houvessem de seutar-se nos bancos dos reus quem se julgava com direito a sentar-se na cadeira de juiz.

O sr. Infante D. Augusto continúa com progressivas melhoras. El-Rei, o sr. D. Luiz tem apparecido na cidade. Um destes dias esteve no passeio publico, e hontem foi ao arsenal ver os productos nacionaes que estão destinados a figurar na proxima exposição de Londres. Tanto El-Rei como seu augusto Pae gosa de perfeita saúde.

Ouvi dizer que fora excellente o discurso proferido pelo sr. Seabra na occasião em que, como presidente da camara, se apresentou com a grande deputação para dar os pezames a el-rei. A resposta d'El-Rei foi muito sentida. O sr. D. Fernando tambem se expressou em termos muito agradaveis, e extremamente commovido, respondendo á mesma commissão, quando o foi cumprimentar ao pago das Necessidades.

N'um dos primeiros dias desta semana, El-Rei o sr. D. Luiz fez entrega da espada que o sr. Infante D. João legara ao seu regimento, e por essa occasião dirigiu um discurso muito sentido á commissão, composta d'officiaes e officiaes inferiores do regimento de lanceiros n.º 2, encarregada de conduzir a espada para a secretaria do quartel.

Aquella espada fora um presente offerecido ao fallecido principe pelo sr. D. Carlos de Mascaranhas. Era a espada com que pelejara em Hespanha, e que tambem lhe fora offerecida pelos officiaes de cavallaria da divisão portugueza.

O governador civil e o secretario geral do Funchal, foram demittidos. Foi nomeado governador civil interino o sr. Sant'Anna, tio do sr. Sant'Anna e Vasconcellos, e proprietario residente na ilha de Porto-Santo. Para secretario foi nomeado o sr. Albuquerque, que já exercera as funções de secretario geral do governo de Cabo Verde, no tempo do sr. Arrobas.

Recebeu-se hontem parte telegraphica por via de Londres, dando a noticia de haver naufragado nas aguas da Madeira, o navio *Flor do Oceano*. Ignoram-se ainda os pormenores do sinistro.

Sahi dos prelos da typographia do sr. Lalemard, um lindo quadro, representando o calendario do corrente anno. E' um primor d'arte typographica.

A Luiza Millar foi bem recebida no theatro lyrico. Entretanto direi que madame Bendazzi á muito inferior nesta opera a madame Gazani-ga, que foi quem aqui a cantou na epocha passada.

O sol dignou-se apparecer hoje aos habitantes de Lisboa. Desde terça-feira até hontem o tempo tem estado sempre nublado, e de noite ha nebrina quasi propria de Londres.

EXTERIOR

Do «Nacional», extrahimos a seguinte interessante noticia:

«Por uma participação telegraphica recebida de Londres por uma casa commercial desta cidade (Porto), consta que o governo dos Estados-Unidos da America, dá completa satisfação pelo insulto feito á bandeira ingleza, entregando os dois commissarios do Sul, que haviam sido arrebatados pelo commandante do navio de guerra americano «S. Jacinto» de bordo do paquete inglez «Trent.»

Acabou, por consequencia, o pretexto para a guerra entre a Gran-Bretanha e os Estados-Unidos, pelo que felicitamos os amigos da paz.»

«Forte Monroe, 15 de dezembro.—O vapor «Illinois» acaba de chegar de Porto Real; passou pela frente do porto de Charleston distante 6 milhas, ás 10 horas da noite de 11. Espantoso incendio abrazava toda a cidade; o reflexo no ceo offerecia um espectáculo superior a tudo quanto se tem visto.

Toda a bahia, com os negros perfis da fortaleza Hunter, estava magnificamente illuminada. «Carolina do Sul.—Brachvill, 12 de dezembro.—O telegrapho em Charleston foi destruido. Ultimas noticias.

As cinco horas da manhã de hoje ainda continuava o incendio. A catedral, o instituto, a sala-Andreu, o edificio executivo haviam já desaparecido. Diz-se que é obra de incendiarios.»

«Branchville. — Carolina do Sul, 12 de dezembro (5 horas da tarde). — Continua o incendio. Milhares de pessoas sem casa e sem pão occupam os arrabaldes. Saiu um trem expresso de Augusta, e leva provisões e soccorros.

E' obra de incendiarios.»

«A' ultima hora. — Ficou destruida até os cimentos a cidade de Charleston, capital da Carolina do Sul, foco da insurreição dos separatistas.

Já não é povoação; não é absolutamente nada. Desappareceu da terra. Tinha 80:000 habitantes. Os negros tiveram n'este crime grande parte.

Espalhou-se o terror entre os confederados. Deixam marchar os negros sem fazer diligencia para os conter.

Chegou a Kentuki um corpo de 200 negros armados.

—Da «Correspondencia»:

«Pariz 5.—O general Gassel, que commanda o primeiro corpo de infantaria da expedição hespanhola contra o Mexico, occupou no dia 8 o forte de San-João de Ulua, que foi abandonado pelos maxicanos tres dias depois de se apresentar a esquadra hespanhola em frente da Veracruz.

Os mexicanos retiraram e levaram do castello a maior parte do material de guerra que encerrava, encerravam as peças de posição, e desarmaram igualmente os baluartes de San-Francisco e de San-Filippe, que se elevam na terra firme ao norte de Veracruz. As tropas hes-

panholas deviam desembarcar em todo o dia 9, e os maxicanos faziam-se fortes em uma posição vantajosa junto da cidade de Puebla, situada na estrada de Veracruz para o Mexico.»

«S. Petresburgo 4.—Resultando provada a culpabilidade do conego Bielogrowilki, foi condemnado á morte; mas o imperador commutou-lhe a pena, a qual se limitará a um anno de prisão em uma fortaleza, guardando-lhe a consideração e respeito devidos á sua idade e ao seu caracter sacerdotal.»

«Turim, 4.—O barão Ricasoli desclarou que lhe era impossivel completar o ministerio, porque não encontrava ministro do interior; mas acrescentou que, apezar de incompleto, o gabinete era homogeneo.

Dizem os jornaes que o general Garibaldi se negára a receber uma deputação da nova junta central de Genova.

Tendo insistido os seus membros, o general recebeu por fim prometendo tomar em consideração um facto consumado; orém em seguida escreveu uma carta ao sr. Abezzand, dizendo-lhe que queria permanecer alheio aos actos da nova junta e de prohibir á antiga que communique os documentos do seu archivo á novamente instituida.»

No mesmo periodico tambem encontramos os seguintes despachos telegraphicos de Cadix, em que se dá conta da chegada áquelle porto de um navio de guerra dos estados americanos do sul, e de suas relações com as autoridades hespanholas:

«Cadiz, 4 á noite. — O vapor de guerra anglo americano, que entrou hoje n'este porto, procede do Rio de Janeiro e da Martinica. Chama-se *Sumpter*; pertence aos separatistas do sul; destruiu na sua viagem tres navios do norte e traz 24 prisioneiros a bordo.

O *Sumpter* tem a força de 750 cavallos e 5 peças de artilharia de grande calibre; ficou de quarentena.

O consul dos Estados-Unidos pediu que não lhe dêem auxilio de nenhuma especie e o não deixem sair; e governador geral da praça pediu instrucções.

O *Sumpter*, á sua chegada, não saudou a praça.»

Cadiz, 4. — O *Sumpter* arribou a Cadiz por avarias que deseja reparar no arsenal da Carraca. O seu capitão declarou que se dirige cruzar sem direcção fixa.»

De Cadiz, em data de 6, dizem o seguinte:

«O vapor americano do sul permanece no porto. Tendo-se lhe intimado repetidas vezes que saia, respondeu que não pode fazel-o por ter avarias.

Do mesmo ponto, em data de 7, dizem:

«O «*Sumpter*» sairá hoje da quarentena, e os prisioneiros anglo-americanos serão entregues immediatamente.»

ANNUNCIOS

PUBLICAÇÕES DIVERSAS.

A FÉ CATHOLICA

JORNAL RELIGIOSO

PUBLICADO DEBAIXO DA DIREÇÃO

DO

Dr. Antonio Joaquim Ribeiro Gomes de Abreu

Publicou-se o n.º 12 d'este interessante jornal. — Assigna-se em Lisboa no escriptorio do periodico a «Nação», rua da Encarnação n.º 20 1.º andar.

Preço em Lisboa — Por anno, ou 24 numeros, 1,520 rs. — Semestre, ou 12 numeros, 600 rs. — Ditto para as provincias (franco de porte) — Por anno, ou 24 num., 1,5320 rs. — Semestre, ou 12 num., 660 rs.

Toda a correspondencia e remessa de dinheiro ao local acima indicado ao sr. Antonio Joaquim do Vadre Manique.

QUEBRA DOS ESCUDOS

OU

DESCRIPÇÃO DAS CEREMONIAS

Que na cidade do Porto tiveram logar por occasião do fallecimento dos senhores D. João VI em 1826 — e D. Maria II em 1853 — seguida da descripção do funeral do senhor D. Pedro V em 1861, — do jazigo dos nossos reis; — da cerimonia da quebra dos escudos n'esta cidade, — e de outros artigos que dizem respeito ao triste acontecimento que todós lamentam.

Vende-se na mesma cidade do Porto — na typographia Popular, rua do Bom Jardim n.º 69, defronte da Viella da Netta.

Preço 120 rs.

REVISTA CONTEMPORANEA

DE PORTUGAL E BRAZIL

(Tiragem de 2.500 exemplares.)

Directores, Antonio de Brederode, Ernesto

Biester.

Publicou-se o n.º 8 do 3.º anno.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Na capital Nas provincias

Por anno..... 2\$000 Por anno..... 2\$500

Por semestre.. 1\$100 Por semestre.. 1\$250

Avulso — 300 rs.

Toda a correspondencia deverá ser dirigida franca de porte a F. da Costa da Matta, administrador da *Revista Contemporanea*, no escriptorio do jornal, Calçada do Sacramento n.º 7 — sobre-loja, Lisboa.

ARCHIVO JURIDICO

Publicou-se o n.º 3 da 2.ª serie que contém toda a legislação, regulamentos e instrucções sobre o

Imposto de transmissão

Vende-se por 120 rs. na rua do Bom Jardim n.º 69

Pelo cartorio do escrivão Nogueira, se hade arrematar no dia 19 de janeiro de 1862, na casa da audiencia, desta cidade, pelas 10 horas da manhã na execução que a fazenda nacional move a José Avelino d'Almeida Gusmão, um foro de 20\$000 rs. imposto na Ilha da Marianna, sita no lugar do Passo, que pagam os herdeiros de José Rodrigues da Paula, e outros de Sarrazolla, avaliado em 400\$000 rs. com o abatimento da quinta parte.

RESPONSAVEL — Manoel Cypriano da Silveira Pimentel.

Typographia do Districto de Aveiro.